

“Tocando em frente, pois esse é o destino”¹: uma homenagem póstuma à
Euclides Redin (1939-2022)

“Moving forward for this is our destiny”: a posthumous tribute to Euclides
Redin (1939-2022)

Fernanda Müller²
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
fernanda.muller@gmail.com

Resumo: O texto é uma homenagem ao Professor Euclides Redin (1939-2022) pela sua contribuição na criação do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNISINOS e no fortalecimento de uma agenda de discussões sobre a relação entre criança e sociedade e políticas públicas para a Educação Infantil no Brasil.

Palavras-chave: Euclides Redin; infância; Educação Infantil; políticas públicas educacionais.

Abstract: The text is a tribute to Professor Euclides Redin (1939-2022) for his contribution in creating the Postgraduate Programme in Education at UNISINOS and in strengthening an agenda for discussions on the relationship between children and society and public policies for Early Childhood Education in Brazil.

Keywords: Euclides Redin; childhood; childrens’early education; public educational policies.

¹ Prólogo escrito por Redin, no seu blog, à música “Tocando em frente” (SATER; TEIXEIRA, 1990).

² Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

Em 17 de janeiro de 2022, Euclides Redin nos deixou. O número de tributos que se seguiram mostrou que a sua falta afetou profundamente aqueles/as que o conheceram e tiveram acesso às suas ideias e à sua contribuição ao campo da Educação. Passados alguns meses, no meu caso, a profunda tristeza deu lugar à catarse e, em meio a ela, à escrita desta homenagem. Não foi a tristeza, no entanto, que me orientou na busca de lembranças e registros sobre a sua trajetória. Pelo contrário, foi a esperança: em um mundo melhor, menos desigual, e transformado pelo reconhecimento da importância das crianças e da infância para a sociedade. Essa era a visão que Redin tinha de um mundo possível, onde as crianças seriam, pelo menos, mais consideradas.

Mais do que meu orientador de trabalho de conclusão e dissertação de mestrado, Redin se tornou, ao longo dos anos, um grande amigo. Ademais, o substantivo amizade para a família Redin é fiel à sua etimologia pois estabelece com o outro uma relação de afeto, de benevolência e de aceitação. No nosso caso, tratou-se de uma relação profissional e acadêmica que teve início na universidade e se estendeu às nossas casas e incorporou nossas famílias.

E a esperança é o fio condutor de uma música que lhe afetou: “Tocando em frente” (SATER; TEIXEIRA, 1990). A canção está disponível no blog que Redin manteve de 2007 a 2010 (REDIN, 2010), não à toa, intitulado “Para não esquecer de pensar”, e tem relação direta com muitas das suas lutas. Dá sentido, e só agora tenho consciência disto, ao que aprendi e ainda preciso aprender com ele: a paciência. Afinal, até as flores aguardam a chuva para florir. Nas palavras de Redin, “as melhores coisas da vida são aquelas que não servem para nada, as coisas inúteis” (REDIN, 2010).

Infelizmente, a certeza maior de todos/as nós é a de que “Um dia a gente chega e no outro vai embora”. Ao ir embora, Redin nos deixou uma história brilhantemente dita, escrita e realizada. E é sobre parte desta história que trata esta homenagem.

Redin nasceu em uma comunidade de imigração italiana na região centro-serrana do Rio Grande do Sul. Graduou-se em Pedagogia na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Nossa Senhora da Imaculada Conceição, em Viamão (RS) em 1965. cursou Mestrado em Educação na PUC/Rio de Janeiro, concluindo a dissertação “Permissividade em Educação segundo Carl Rogers” em 1975. Concluiu o Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano na USP/São Paulo em 1985, defendendo a tese “A Representação da Criança Pré-Escolar no Brasil: pesquisa baseada em fatores explícitos e implícitos na legislação e na reflexão sobre a realidade da Educação Infantil em nosso meio.

Entre 1980 e 1992, Redin foi professor titular da Universidade Federal de Viçosa (UFV); e de 1993 a 2007, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Foi justamente em 1993 que Redin retornou ao Rio Grande do Sul, para a cidade de São Leopoldo, onde compôs a equipe que elaborou o projeto do curso de Mestrado em Educação da UNISINOS. Anos depois este projeto foi estendido para o curso de Doutorado. Na Pós-Graduação ministrou cursos sobre políticas públicas educacionais, temáticas que também abordava na disciplina “Educação Infantil”, antes mesmo de ser obrigatória no currículo do Cursos de Pedagogia.

Eu conheci Redin quando ainda era professora de Educação Infantil, no Colégio Sinodal de São Leopoldo, no início do ano letivo de 1997. Sua palestra, dentre outras defesas importantes, tratou, especificamente, de utopia. E talvez tenha sido por meio deste tema – da utopia – que Redin sempre defendeu e acreditou em uma sociedade que respeitasse as crianças e seus direitos, dentre eles, de cuidados e educação de qualidade, com professoras bem formadas e bem pagas, em um mundo mais justo e igualitário. Redin era um defensor da utopia, quase de uma meta utopia, porque para ele as utopias seriam sempre realizáveis.

No segundo semestre daquele mesmo ano, empolgada com o conteúdo da palestra, eu me matriculei na disciplina “Educação Infantil”, ministrada por ele às sextas-feiras à noite. Se por um lado, o fato de sermos poucas alunas era um privilégio e garantia uma discussão aprofundada, por outro, também demonstrava o lugar secundário que a Educação Infantil ainda ocupava. Redin havia acompanhado de perto as conquistas da Constituição Federal, do Estatuto da Criança e do Adolescente, e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional promulgada em 1996, esta que afetaria, para sempre, a formação de profissionais de Educação Infantil, a centralidade da criança nas políticas públicas que a sucederam e com desdobramentos em pesquisas, cursos de extensão, práticas pedagógicas e militância pelos direitos das crianças.

Como professor da UNISINOS, Redin participou ativamente de inúmeros eventos, escreveu artigos acadêmicos e para jornais, alimentou seu blog. Mas é no livro “O espaço e o tempo da criança: se der tempo a gente brinca”, publicado em 1998, atualmente em sua quinta edição, que deixou o registro de suas ideias centrais. O meu exemplar conta com a seguinte passagem na dedicatória: “na luta pela alegria geral”. Já a canção diz: “Cada um de nós compõe a sua história; cada ser em si carrega o dom de ser capaz; de ser feliz”. Menos dom, mais luta, e aí remanesce, sem dúvida, o veio marxista que acompanhou Redin até o fim “Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; é o seu ser social que, inversamente, determina a sua consciência” (Marx e Engels, em “A ideologia Alemã”, citado por Redin, 2002 [1998], p. 45).

“O espaço e o tempo da criança: se der tempo a gente brinca” divide-se em duas partes: a primeira responde “Quem é essa criança?”; a segunda explica a afirmação “Se der tempo a gente brinca!”; por fim, na conclusão, Redin incita uma discussão, mais do que atual: “Para onde vai essa escola? Possíveis horizontes”. Ele apresenta um argumento original sobre a escola, rompendo uma noção verticalizada de geração, como se só crianças aprendessem. Pelo contrário, todos aprendem o tempo todo, brincar é uma necessidade humana e “a vida deve ser plena em todo o tempo” (REDIN, 2002, p. 10). E o tempo pleno, para Redin, sempre é o presente.

De forma dialética, Redin mostra a função social insubstituível da escola ao mesmo tempo em que nos alerta para o cuidado vigilante e permanente para as práticas de opressão – seja de professoras sobre crianças, ou mesmo entre crianças. Ninguém é dispensável, nem crianças, nem adultos. Contudo, a criança do presente merece do adulto do presente aquilo que de melhor pode lhe dar: “para a infância se exige o melhor do que dispomos” (REDIN, 2002, p. 51).

Redin compreendia a marcha e seguia em frente, no seu ritmo, com o seu idioleto, e com a doçura típica daqueles que assistem com paciência aqueles/as que já tiveram pressa. E era com muita generosidade que dava suas aulas, fomentava seminários e saraus, e orientava seus alunos e alunas. Não se dobrava às exigências produtivistas tampouco aceitava qualquer tipo de exclusão. Talvez porque acreditasse que um

mundo melhor dependia de uma outra força, a da inclusão das diferenças, a da superação das desigualdades. Talvez porque previsse que é de amor e de infância que o mundo tem precisão (MELLO, 1965).

Se, por um lado, a partida de Redin nos deixa um tanto desamparados/as, por outro, deixa disponível e transparente um legado de contribuições e defesas fundamentais para uma agenda de políticas públicas para a infância e a Educação Infantil no Brasil.

Referências

MELLO, Thiago de. Toada de ternura. In.: MELLO, Thiago. Faz Escuro mas eu Canto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965,

REDIN, Euclides. O espaço e o tempo da criança: se der tempo a gente brinca. Porto Alegre: Editora Mediação, 2002 [1998].

REDIN, Euclides. Tocando em frente, 2010. Disponível em: <http://euclidesredin.blogspot.com/>. Acessos em: 04/04/2022.

Submetido: 08/09/2022

Aceito: 08/10/2022